



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRAL DE AULAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

Simone Gomes Gonçalves

O Absurdo, a Revolta e a vida: sobre a questão se a vida vale a pena ser vivida ou não em *O Mito de Sísifo* e *O Homem Revoltado* de Albert Camus

Campina Grande – PB
MAIO/ 2016

Simone Gomes Gonçalves

O Absurdo, a Revolta e a vida: sobre a questão se a vida vale a pena ser vivida ou não em *O Mito de Sísifo* e *O Homem Revoltado* de Albert Camus

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia Hermenêutica.

Orientador: José Arlindo de Aguiar Filho, Dr.

Campina Grande -PB
MAIO/ 2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

G635a Gonçalves, Simone Gomes

O absurdo, a revolta e a vida [manuscrito] : sobre a questão se a vida vale a pena ser vivida ou não em O mito de Sísifo e O homem revoltado de Albert Camus / Simone Gomes Gonçalves. - 2016.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.

"Orientação: Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho, Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Albert Camus. 2. Vida. 3. Absurdo. 4. Revolta. 5. Suicídio. I. Título.

21. ed. CDD 194

SIMONE GOMES GONÇALVES

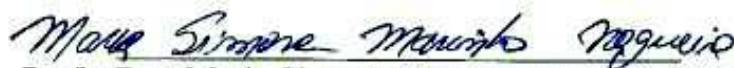
O absurdo, a revolta e a vida: sobre a questão se a vida vale a pena ser vivida ou não em *O Mito de Sísifo* e *O Homem Revoltado* de Albert Camus

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

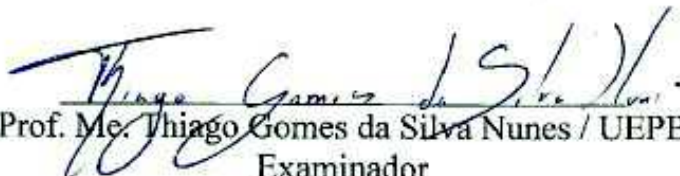
Aprovado em 10/05/2016.



Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho / UEPB
Orientador



Prof. Dra. Maria Simone Marinho Nogueira / UEPB
Examinadora



Prof. Me. Thiago Gomes da Silva Nunes / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho a todos que me apoiaram nessa caminhada. De modo especial a meus pais e ao meu esposo. Com fé e oração chegamos onde desejamos.

AGRADECIMENTOS

Chegar à onde se deseja nem sempre é fácil, a caminhada é longa, porém divertida e muitas vezes única. Diante de tudo que pude vivenciar nestes 4 anos de curso só tenho a agradecer a todos que fizeram parte dessa caminhada, que está apenas começando, tenho um longo caminho a percorrer, a busca pelo conhecimento é permanente e exige mais.

Desse modo, agradeço primeiramente a Deus dono de todo conhecimento e sabedoria, que guia meus passos.

À meus pais Eleidson e Mercês por todo apoio e paciência, sem eles não seria possível esta realização. Obrigado é pouco.

Ao meu esposo Renato, que com toda sabedoria, paciência, dedicação e incentivo soube muitas vezes me apoiar e me direcionar em meus planos, o que me fez ama-lo ainda mais!

Aos meus irmãos Suênio, Suedson e Suziane, por todo incentivo. E ainda por terem muitas vezes, sem saber, me ajudando a levantar alguns questionamentos sobre a minha pesquisa. Diante de uma conversa ou dos encontros em família. E ainda aos meus cunhado (as) e sobrinhas, Edna, Lívia, Cristiano, Jessyca, Lavinya e Sara.

E a todos que acreditaram na minha conquista, em especial minhas amigas Olga e Valkíria, a amizade é um bem precioso para toda vida. Mesmo ausente meu carinho por vocês só aumenta.

Agradeço a todos que fazem o curso de Filosofia da UEPB existir, em especial ao professor que serviu de incentivo para minha caminhada Prof. Fábio Henrique, por todo conhecimento passado, por toda conversa e amizade.

Ao meu Prof. Orientador Arlindo Aguiar, que através da alegria e gentileza fez das manhas de quinta-feira orientações para vida toda, sua animação e o jeito leve de levar a vida serve de motivação para todos que estão em sua companhia. Muito obrigado por aceitar meu trabalho.

Aos meus colegas de curso, em especial Maria, Pedro e Carlos, por todo apoio, amizade e filosofias de vida. E ainda todos aqueles que nesses 4 anos passaram pelo curso e que me deram o privilégio de uma boa companhia, aprendi muito com todos.

Não posso deixar de agradecer a cada professor, pela experiência dada, pelo conhecimento passado e momentos vivenciados. Solange, Wandemberg, Júlio Cesar, Antônio Carlos, Jackeline, Kátia, Valmir, Simone, Thiago, Ramon, Reginaldo e Janduí.

A todos da minha família!

Agradeço imensamente.

Que Deus abençoe a Todos!

A vida é uma peça de teatro que não permite ensaios. Por isso, cante, ria, dance, chore e viva intensamente cada momento de sua vida, antes que a cortina se feche e a peça termine sem aplausos.

Charles Chapelin

RESUMO

Este estudo sobre o ‘absurdo e revolta sobre a questão se a vida vale apenas ser vivida ou não’ objetiva realizar uma análise filosófica sobre os conceitos de Vida, Absurdo e Revolta, da mesma forma que sobre a relação entre estes, no pensamento de Albert Camus; especialmente nas obras intituladas *O Mito de Sísifo* e *O Homem Revoltado*. Ambas apresentam conceitos a partir da existência do homem. Segundo o filósofo, em certo momento da sua vida o Homem se depara com o questionamento relativo a se a vida vale a pena ser vivida ou não, o mesmo leva-o ao encontro com o absurdo, que gera desespero e, em alguns casos, vontade do suicídio. Neste cenário o homem percebe que em toda sua vida ele foi rodeado por ilusões, que acabam a partir do momento em que se encontra com o absurdo, produzindo assim um maior questionamento sobre a vida, principalmente diante de guerras, decepções e outros eventos. É exatamente este processo, suas fontes e consequências que serão tratados no presente artigo, com a intenção de, através da filosofia camusiana, aproximar-nos criticamente do questionamento sobre se a vida vale ou não a pena ser vivida.

Palavra- chave: Albert Camus, Vida, Absurdo, revolta e Suicídio.

¹ Aluna graduanda do curso de Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - CEDUC.
E-mail: Simonyggg@yahoo.com.br

Sumário

1. INTRODUÇÃO	8
2. ABSURDO E REVOLTA, DIANTE DO QUESTIONAMENTO SE A VIDA VALE APENA OU NÃO?	9
3. CONCLUSÃO.....	25
4. ABSTRACT.....	26
5. REFERÊNCIAS.....	27

1.Introdução

O presente artigo visa analisar duas obras de Alberto Camus: *O Mito de Sísifo*, onde o mito relacionado é o do próprio título, analisando o conceito de **Absurdo** e *O Homem Revoltado*, que segue o mito do Prometeu, analisando o conceito de **Revolta**, ambos com base se a vida vale apenas ou não ser vivida. *O Mito de Sísifo* foi publicada no ano de 1942 em meio à segunda guerra mundial, que conseqüentemente trouxe um choque de realidade que encantou a milhares de pessoas. Pode-se dizer que assim como no mito, a segunda guerra mundial fez a mesma coisa, deixou cair quatro anos a pedra até embaixo, porém Sísifo, assim como o homem, retoma corajosamente sua eterna tarefa, ao levantar a pedra até o topo. Já *O Homem Revoltado* foi publicado em 1951 e acarretou uma verdadeira repercussão entre os pensadores franceses, inclusive Jean Paul Sartre, que não aceitou as ideias idealizadas por Camus sobre revolta e liberdade, “O novo humanismo de Camus – Talvez por vezes contraditórios mas certamente sincero – era repudiado radicalmente”². É nesta obra que ele evidencia o Niilismo, e sua Política está bastante presente.

Duas obras, que focam no homem, na sua existência e no momento em que o homem se depara com o questionamento se a vida vale a pena ser vivida ou não. Isso se dá pelo encontro com o absurdo, encontro este, que gera desespero e em alguns casos, vontade do suicídio e futuramente de revolta. Neste cenário de realidades o homem percebe que em toda sua vida ele foi rodeado de ilusões, provocando assim um maior questionamento sobre a vida, principalmente diante de guerras e angústias, tema que o leitor encontra na página 16 deste artigo. A guerra em si projeta no homem, tanto a revolta como a vontade e o medo.

Depois de apresentar um pouco da história de Camus e suas obras, o presente trabalho mostra o porquê do homem fazer este questionamento que provoca o absurdo e que gera vontade de suicídio, Camus afirma que isso ocorre pelo fato que “depois do absurdo tudo fica abalado” (CAMUS, 2013, p.68), o tamanho do absurdo se dá pela impossibilidade do homem de compreender a fundo os confins da sua existência, o “depois” da morte é algo até hoje inexplicável, porém continua presente no questionar humano, já que a limitação do homem não o permite entender para onde vamos depois

²(VICTOR BURTON, in Camus, 2013, capa)

da morte. No Fédon Platão diz: “[...] filosofar, no rigoroso sentido da expressão, é preparar-se para morrer facilmente...”³.

Saber se a vida vale a pena ser vivida ou não, é o grande lema da filosofia, Depois que o homem descobre sua inutilidade e encontra-se com o absurdo tal questionamento é inevitável.

Camus analisa de forma clara o contexto da vida do homem, é um autor esperançoso, embora alguns achem o contrário, ele aborda fatos reais, seus ensaios traz mais que literatura, é uma filosofia de vida. O mito por ele escolhido para anexar a sua obra *O Mito de Sísifo*, não está nela por acaso, existe uma relação com a vida do homem, no levar a pedra até o topo. Do mesmo modo o mito do Prometeu, onde sua revolta se assemelha a do próprio sujeito.

É assim o cotidiano do homem, é um eterno levantar a pedra. Sísifo foi condenado pelos deuses a subir uma pedra até o topo da montanha eternamente, em certo momento de sua vida ele encontrou-se com o absurdo e se revoltou. O homem, vive rodeado por absurdos e ilusões que o convém, ele está a cada dia mais adaptado ao meio. Se faz necessário que o homem tenha consciência do que o cerca, para que assim mesmo depois do absurdo, ache em meio a revolta uma solução para viver. De acordo com o presente artigo, o sujeito encontra mesmo em meio a desarmonia com o mundo, um modo para que a vida tenha sentido, esse modo pode ser encontrado através da arte. Onde a liberdade encontra-se no homem. “Criar é também dar uma forma ao destino.” (CAMUS, 2013, p.133)

2. Absurdo e Revolta, diante do questionamento se a vida vale apenas ou não?

Tratar sobre o absurdo e a revolta de Albert Camus é um desafio, pois como ele mesmo diz: “depois do absurdo tudo fica abalado” (CAMUS,2013, p.68). Ao tomar conhecimento do absurdo, ao invés de “ficar tentado a escrever um manual de felicidade” (CAMUS, 2013, p.140) este trabalho trata sobre o que tanto causa abalo no homem, o absurdo.

³ (Nunes, in Platão, versão eletrônica: <http://portalconservador.com/livros/Platao-Fedon.pdf>)

Albert Camus é um contemporâneo e tornou-se conhecido por obras que remetiam ao cotidiano da época. Seus temas tratam do sentimento humano diante de um mundo que para o sujeito foi perdido, um dos motivos é a tragédia da própria existência, o que abre a discussão de como o sujeito encontra sentido em sua vida diante dos temas evidenciados por Camus.

Famoso no século XX, Camus foi romancista, jornalista, dramaturgo e ensaísta. Recebeu o Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1957 com suas obras que eram um misto de realidade, esperança e angústia, temas comuns, principalmente a ele, que viveu em meio a um período conturbado. Camus teve uma infância difícil, mas nunca tirou de si a vontade de escrever ou de expressar seus sentimentos, a cada obra o que ele vivenciava, seja diretamente ou indiretamente, era evidenciado em seus escritos. Temas como absurdo, violência, morte, esperança e revolta marcavam seus textos. Uma das características principais de Camus, é que a cada obra relacionava um mito grego.

Albert Camus dedicou anos de sua vida analisando a revolta e o absurdo humano, diante de tanta paixão, angústia, desespero e apego à vida. Ao total Camus escreveu 25 obras, entre elas vários ensaios e por este motivo muitas vezes não foi considerado filósofo, já que o ensaio está mais ligado a literatura e à arte. Porém, Albert Camus conseguiu fazer dos seus ensaios temas filosóficos, e *O Mito de Sísifo*, por exemplo, foi a obra que o fez ser reconhecido como filósofo, mesmo ele não aceitando este título.

Algumas obras de Camus seguiam a mesma linha de pensamento, como o absurdo, por exemplo, que era retratado em 2 obras, *O Mito de Sísifo* e *O Estrangeiro* obras publicadas no mesmo ano. Entre as obras mais conhecidas de Camus estava: *A Peste*, *Calígula*, *A Queda*, *O Mito de Sísifo*, *O Estrangeiro* e *O Homem Revoltado*. Vejamos a lista e ano de cada obra publicada de Camus: *O avesso e o direito* em 1937, *Calígula* em 1938, *Núpcias* 1939, *O mito de Sísifo* 1942, *O estrangeiro* 1942, *O mal-entendido* 1944, *Cartas a um amigo alemão* 1945, *A peste* 1947, *O estado de sítio* 1948, *Os justos* 1949, *Atuais I*, *Crônicas 1944-1948*, *O homem revoltado* 1951, *Atuais II*, *crônicas 1948-1953*, *Um caso interessante* 1953, *O verão* 1954, *A queda* 1956, *Réquiem para uma freira* 1956, *O exílio e o reino* 1957, *Os possessos* 1959 e *Atuais III*, *Crônicas argelinas 1939-1958*, entre outras obras póstumas.

Na sua trajetória de vida Camus tornou-se redator-chefe do jornal clandestino *Combat*, em 1944, onde escreveu textos opinativos sobre a Segunda Guerra Mundial e escreveu sobre o absurdo, é importante salientar que Camus perdeu seu pai no período da I Guerra Mundial, o que acarretou um olhar mais profundo sobre a II Guerra Mundial. Esse período de redator-chefe foi o seu marco para seu engajamento político, e também da sua amizade com Sartre. Porém essa amizade foi interrompida, pois Camus não apoiava as ideias de Sartre e da URSS de Stalin. Ao sair do *Combat*, ele começa a esboçar *O Homem Revoltado*. Camus faleceu em Villeblevin, no ano de 1960 em um acidente de carro quando estava indo para Paris, seu carro colidiu com uma árvore e ele morreu ainda no local. Mesmo tendo uma vida complicada não é considerado um autor pessimista, pelo contrário, existe esperança em seus escritos, no próprio *O Mito de Sísifo* a esperança aparece como subtema.

Camus foi um dos filósofos que analisou o sentido da vida e em sua perspectiva, como o ser humano destrói sua própria vida, então, podemos considerá-lo um humano-desumano. “O sentimento de revolta surge nele como uma reivindicação de clareza e de unidade.” (CAMUS, 2013, p.39) Ou seja, o revoltado metafísico vai contra a sua criação e, neste momento uma explicação torna-se necessária, à da sua existência.

Camus tem como um de seus temas a importância de estarmos inseridos no mundo sem valia, onde nossas escolhas são impostas, partindo do pressuposto de que a vida não vale a pena diante de tanto absurdo. O mundo perde esse valor diante das perspectivas frustradas que o próprio sujeito cria para sua vida, é a pura revolta metafísica citada a cima. A falta de liberdade causa esse confronto entre o sujeito e o mundo.

O absurdo remetido por ele em *O Mito de Sísifo*, se dá pela descoberta do homem de que a sua vida não vale apenas, já que o próprio vive diante de uma ilusão imposta sobre sua existência. Considerando que a ilusão é algo presente na vida do homem, tomemos pois, a concordância de que a vida em meio a tantas revoltas e absurdos não vale a pena ser vivida, principalmente diante da morte, ela que era vista como uma esperança, ou seja, diante da eternidade, deixa de confortar e acarreta desespero, principalmente diante da pergunta: Porque morremos?

Morrer implica deixar de viver, o que acarreta no homem a angústia, diante da interrupção que ocorrerá na sua trajetória de vida. Pois, provém do sujeito o ato de se

renovar, sendo assim, ele não está preparado para finalizar as suas possibilidades de renovação durante sua vida. Morrer seria então acabar com essas possibilidades, diante deste pensamento, o sentimento de angústia prevalece.

Para Heidegger a angústia é vista como um possibilidade de virada da existência, ou seja, é tomar consciência da morte, diz ele: “o fim do ser-no-mundo é a morte. Esse fim, que pertence ao poder-se, isto é, à existência, limita e determina a totalidade cada vez possível do *Dasein*” (AURÉLIO, 2003, p.110). Desse modo, de acordo com Heidegger existe o lado positivo para tomar consciência da morte, se esta entender que a morte é um fenômeno da própria existência e não um termino dela.

Os místicos por sua vez não temiam a morte, pelo contrário, morrer seria está próximo de Deus. Não existe o apego excessivo a vida, e aqueles que o tem, procuram se desapegar, a espera por uma vida eterna torna-se sentido para vida. Um exemplo desta espera, e uma demonstração de amor e entrega a Deus, encontra-se em um dos poemas de Mechthild Magdeburg, sobre Siete cosas relativas da la vía del amor, onde diz: “[...] Señor, ahora ya soy um alma desnuda, y tú en ti mismo un Dios ricamente engalanado. Nuestra comunión es vida eterna desprovistade muerte.” (MECHTHILD, 2007 p, 111)

Já em Epicuro, o homem não deve temer a morte, a vida deve ser regrada pelo prazer moderado, e o sujeito deve atingir um estado de tranquilidade, afastando assim da sua vida o medo, inclusive o da morte. Em seu livro *Carta sobre a felicidade* ele diz: “Acostuma-te à ideia de que a morte para nós não é nada, visto que todo bem e todo mal, residem nas sensações, e a morte é justamente a privação das sensações [...] Não existe nada terrível na vida para quem está perfeitamente convencido de que não há nada terrível em deixar viver. É tolo portanto quem diz ter medo da morte.” (EPICURO, 2002, p,27) Porém, a maioria dos homens estão como Sísifo, apegados à vida!

No entanto, sabendo que a morte é comum e que o próprio homem faz dela um espetáculo percebemos que, desde dos gregos, a morte é aplaudida na tragédia, e, quanto mais triste, melhor a tragédia será. Porém, a morte vista de fora, na realidade do outro, faz entender que, por apego a sua vida, os homens tentam desviar-se da própria morte. A falta de explicação já é um início do próprio absurdo, que deseja clareza. É por essa busca de clareza que o sujeito procura compreender o significado da sua existência,

que em alguns casos são respondidas com base no divino, ou em alguma crença, porém até hoje este questionamento perpassa gerações.

No primeiro capítulo do *O Mito de Sísifo*, Camus traz justamente o questionamento fundamental da sua filosofia, que permanece presente até hoje, onde diz: “Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia.” (CAMUS, 2013, p.17). Por isso que muitos filósofos se detiveram em tentar responder a essa pergunta, visto que em certo momento da vida o homem se questionará se existe sentido ou não na sua existência. Alguns buscaram escrever um verdadeiro manual para encontrar sentido na vida, seja pela ética, pela religião ou até mesmo pelo próprio amor que o sujeito tem pela sua vida. O que foi o caso de Platão, Aristóteles, Sêneca, Espinoza entre outros.

Deste modo, diante do grande questionamento e das teorias sobre a melhor forma de viver, onde encontra-se no homem o absurdo e a revolta? “[...] De forma especial o absurdo é identificado na morte [...] a consciência da morte só faz aguçar o sentido da vida.” (SILVA, posfácio,2014, p.99) como vimos acima. Camus observou que o suicídio vêm depois do absurdo, ele acredita que a existência humana é marcada pelo absurdo e ambos encontram-se dentro do homem, esperando apenas o dia em que irá revelar-se, fato que para Camus é inevitável. A revolta e o absurdo caminham juntos, a revolta por sua vez, surge depois do absurdo, caso não haja revolta, a vida para o sujeito não valerá a pena e assim o suicídio prevalecerá.

Sendo assim, para entender a revolta é necessário conhecer o absurdo, ele que está na discordância do homem com o próprio mundo, em verdadeira desarmonia, é o momento em que o homem se divorcia do próprio mundo em que vive.

“Muitas vezes as grandes obras nascem na esquina de uma rua ou na porta giratória de um restaurante. Absurdo assim. O mundo absurdo, mas do que outro, obtém sua nobreza desse nascimento miserável. Em certas situações, responder “nada” a uma pergunta sobre a natureza de seus pensamentos pode ser uma finta de um homem. Os seres amados sabem bem disto. Mas se a resposta for sincera, se expressar aquele singular estado de alma em que o vazio se torna eloquente, em que se rompe a corrente dos gestos cotidianos, em que o coração procura em vão o elo que lhe falta, ela é então um primeiro sinal do absurdo.

Cenários desabam é coisa que acontece. Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica [...] Um belo dia, surge o “por quê” e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro. “Começa” isto é o importante. A lassidão está ao final dos atos de uma vida maquinal, mas inaugura ao mesmo tempo um movimento da consciência. Ela o desperta e provoca sua

continuação. [...] Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: suicídio ou restabelecimento. Em si a lassidão tem algo de desalentador. Aqui devo concluir que ela é boa. Pois tudo começa pela consciência e nada vale sem ela. (CAMUS, 2013, p.29)

O absurdo para Camus não tem razão, pois se por acaso existisse uma razão ou uma explicação lógica não seria absurdo, o absurdo surpreende o sujeito no seu dia a dia, no seu constante ir e vir. Diante do que foi dito acima, o absurdo está presente no homem como que a priori, esperando apenas o momento certo de aparecer, este momento encontra-se no dia em que a angustia prevalecer diante da realidade de sua existência, e assim o sujeito perceber o tamanho da sua inutilidade para com o mundo, Nietzsche autor citado por Camus várias vezes em *O Homem Revoltado* aponta que:

[...] em verdade, um rio imundo é o próprio homem. E é realmente preciso ser um mar, para absorver, sem sujar –se, um rio imundo – que podeis experimentar de mais excelso? A hora do grande desprezo. A hora em que também a vossa felicidade se converte em náusea, do mesmo modo que a vossa razão e a vossa virtude. (NIETZSCHE, 1976, p.30)

Ao relacionar o homem ao rio imundo, Nietzsche está dizendo a mesma coisa que Camus já afirmava em seu livro, que “os homens também segregam da desumanidade” (CAMUS, 2013, p.29), essa desumanidade é que corrói o que há de belo na existência, assim já afirmava Nietzsche: “Há pregadores de morte, e a terra está repleta de gente a qual deve pregar-se que abandone a vida” (NIETZSCHE, 1976, p. 61) fazendo assim o absurdo prevalecer em várias situações. O momento em que a felicidade se converte em náusea é o exato encontro do homem com o absurdo da sua vida. Portanto ‘o absurdo só existe porque existe desejo de compreensão de felicidade’ (SILVA, 2014, p.96). Nietzsche também fala do amor que o homem tem a sua vida quando afirma: “É verdade: Amamos a vida, porque estamos acostumados não à vida, mas a amar.” (NIETZSCHE, 1976, p. 57) Por causa desse amor, desse apego, existe para o homem, depois do sua tomada de consciência, o encontro com o absurdo e o desejo do suicídio, como foi citado a cima. “Depois do despertar vem a consequência: suicídio ou restabelecimento.’ Porém o suicídio prevalecera, caso o homem não se revolte, o seu restabelecimento irá depender justamente da sua revolta diante do absurdo, não é à toa que ele afirma ‘que o absurdo comanda a morte.’ (CAMUS, 2013, p.22). Todavia se o sujeito tiver consciência das realidades que o cercam, o absurdo não prevalecerá.

A morte, que é tão evidenciada por Camus encontra-se presente no mito de duas maneiras: Voluntária aquela que o próprio sujeito deseja e faz, principalmente diante do absurdo, e a involuntária, aquela que é imposta ao sujeito, seja pela própria guerra, ou diante de uma sentença de morte, por exemplo. Mas para esse tipo de morte existe a liberdade, pois caberá ao sujeito esperar ou não sua condenação, isso porque o homem tem a sua própria liberdade, como foi apresentado acima na página 11 a diante; a falta de liberdade causa esse confronto entre o sujeito e o mundo. É um instante de ser Deus, e ele então pode tirar a própria vida, no ápice do absurdo imposto sobre ele. Com isso observa-se que o homem é regrado de uma liberdade que durante sua vida lhe é negado, ou melhor, omitido, vejamos o que Camus fala sobre isto:

Mas neste momento sei que não existe tal liberdade superior, a liberdade de *existir* que é a única que pode fundar uma verdade. A morte está ali como única realidade. Depois dela, a sorte está lançada. Já não sou livre pra me perpetuar, sou escravo e, principalmente, escravo sem esperança de revolução eterna, sem recurso do desprezo, [...] que liberdade pode existir sem segurança de eternidade? (CAMUS, 2013, p.69)

O homem que convive com o absurdo compreende o tamanho da sua ilusão diante da sua liberdade, o problema da liberdade está em Deus, perante esse problema se dá a revolta metafísica, é uma questão de ser livre diante de Deus “Porque diante de Deus, mais que um problema da liberdade, há um problema do mal. A alternativa é conhecida: ou não somos livres e o responsável pelo mal é Deus-todo-poderoso, ou somos livres e o responsável pelo mal é Deus-todo-poderoso, ou somos livres e responsáveis, mas Deus não é todo-poderoso.” (CAMUS, 2013, p. 68)

Para Kirilov os homens tem a ilusão de serem livres, mas não aqueles que estão condenados a morte, pois a evidência da sua ilusão torna-se clara diante da sua pena. Este tema liberdade foi bastante trabalhado por Sartre que defende que o homem é livre. Já Camus defendia que essa liberdade não está diante do homem, mas sim, diante de Deus. “A existência é enganosa e eterna” (CAMUS, 2013, p.127).

Convencido de que a existência humana é um absurdo perfeito para quem não tem fé na imortalidade, o desesperado chega as seguintes conclusões[...] segundo Kirilov, Agora se entende o sentido ... ‘Se Deus não existe, eu sou Deus, tornar-se Deus é apenas ser livre nesta terra, não servir a um ser imortal. (CAMUS, 2013, p.120-122)

Karamazov personagem de Dostoievski citado por Camus diz: “Não é Deus que Rejeito” diz ele “mas a criação” (CAMUS, 2013, p.79), o que estraga a ideia de Deus é a criação. Os homens por si só tendem a exterminar o que há de mais belo na criação, isso porque os homens semeiam guerras, discórdias, injustiças entre inúmeros fatores negativos. Era principalmente diante da guerra que vários pensadores analisavam o comportamento humano, por qual motivo o próprio homem busca fazer a guerra? A guerra está ligada ao confronto, à violência, à disputa de grupos. Ela é iniciada pelo homem que vai de encontro com o seu desejo o que remete a resposta; Se estiver contido no homem a vontade do poder, e se for preciso guerrear para conseguir, o próprio não medira esforços para chegar a realização da sua vontade. Vontade esta, analisada por pensadores como Santo Agostinho e Nietzsche, pois somos direcionados por ela, e a busca pelo poder, ou por qualquer motivo, deriva dessa vontade. Em um de seus cadernos Camus cita a questão do poder, que ele colocou no seu livro *Calígula*, onde diz:

Não Calígula não morreu. Ele está lá, e aí. Ele é cada um de vocês. Se o poder fosse dado a vocês, se vocês tivessem coração, se vocês amassem a vida, vocês o veriam se libertar, esse monstro ou esse anjo que há dentro de vocês. Nossa época morre por ter acreditado nos valores e que as coisas podiam ser belas e deixar de ser absurdas. Adeus, eu entro na história na qual me têm aprisionado há muito tempo aqueles que temem amar demais (CAMUS, 2014, p.35).

O poder pode de certa forma dar a liberdade ao homem, e essa liberdade pode vir por meio de uma guerra, se essa for a vontade de quem esteja no poder. Heráclito também evidenciou várias vezes em seus escritos o conceito de guerra, ele assim como outros tentava compreender o porquê da sua existência, e por que os homens semeiam guerras, quando falava de justiça remetia que os homens agem exatamente do mesmo modo que a natureza, e que a guerra se dá mediante a necessidade e a discórdia. A guerra é tida como uma das metáforas preferida dele para o predomínio da mudança de mundo, ela está presente em todas as coisas.

A guerra nega o reconhecimento do outro como outro. Ela apresenta o ser. Destrói, contudo, a pessoa humana. A dinâmica da guerra resume-se à força que destrói o Outro em seu ser-diferente. Ela é indiferença ao diferente: o Outro não é nada, ele não tem nada a ver comigo. (Cf.RÖTZER,1987, p.92) A guerra instala uma ordem da qual ninguém pode distanciar-se. (KESTERING,2008, p.39)

No entanto, Heráclito apontava no seu fragmento 211 que “é necessário saber que a guerra é comum e que a justiça é discórdia e que tudo acontece mediante discórdia e necessidade[...] A guerra é a origem de todas as coisas e de todas ela é soberana, e a uns ela apresenta-os como deuses, a outros, como homens: de uns ela faz escravos, de outros homens livres” (HERÁCLITO,1983, p.200) o que Camus de certo modo também compartilhava. Os homens mantem-se livres no poder.

A guerra também gera essa falta de harmonia com o mundo, Heráclito diz no fragmento 43-44 “A guerra, portanto, é pai e o rei de todas as coisas, tanto no mundo quanto na sociedade humana, e o desejo de Homero de que a discórdia cessasse era, na verdade, uma prece pela destruição do mundo” (BURNET,2006, p.173) Nota-se que para alguns o mundo não tinha outra solução senão o seu próprio fim. Camus assinalava em seu ensaio *O exílio de Helena*, que é a tragédia do pensamento moderno que empurra a humanidade para seu fim. O próprio homem provoca este absurdo, por isso já afirmava: “praticamente, conheço os homens e os reconheço em seu comportamento, no conjunto de seus atos, nas consequências que sua passagem vai provocando na vida” [...] e que “os homens também segregam a desumanidade” (CAMUS, 2013, p. 26-28)

O apego pelas futilidades marca a nossa época. O mundo carrega uma herança grega, onde encontra-se a busca quase obsessiva pela beleza e pela noção de limite, que se dá pelas tragédias, retomando assim o que Camus apresentou em *Calígula*, na citação da página 9 “[...]Nossa época morre por ter acreditado nos valores e que as coisas podiam ser belas e deixar de ser absurdas” (CAMUS, 2014, p. 13). Para Heráclito os homens eram incapazes de compreensão, pois eles agem como se delas não tivesse experiência. A experiência é algo fundamentada na formação do homem. No fragmento 50 ele diz “Sábio é ouvir não a mim, mas minha Palavra, e reconhecer que todas as coisas são uma só. R.P.,40.”⁴ Para ele os homens por natureza deveriam seguir o *Logos*. Razão essa, também posta por Camus, os homens perdem a razão quando passam a agir como os gregos obcecados por beleza enquanto seu país por assim dizer, nega a sua beleza.

Pelo contrário, nossa Europa, lançada à conquista da totalidade, é filha da desmesura. Nega a beleza, do mesmo modo que nega tudo aquilo que não

⁴ (A Aurora da Filosofia Grega, Heráclito, Ed. Contra Ponto, PUC RIO, p. 152/ Embora esteja apresentado como (1) no texto original dos fragmentos de Heráclito este fragmento é o DK 22 B 50.)

exalta. E, embora de diferentes maneiras, não exalta mais que uma única coisa: o futuro império da razão.⁵ (CAMUS, 1948, p. 2)

Tornava-se nítido o tamanho de sua revolta diante do mundo neste ensaio, para Camus o mundo teria sido amputado a começar pelas guerras. Em um de seus cadernos de anotações Camus diz: “Sempre que cedemos (que eu cedo) às próprias vaidades, sempre que pensamos e vivemos para “parecer”, nos traímos” (CAMUS, 2014, p.65). Diante dessa busca pelo poder, que se faz sentido para vida, encontra-se o Estado; e o que os homens fazem no poder. A revolta diante do que é visto é expressada por Nietzsche e por Feurbach: “Não é a fé em Deus, mas a desconfiança em Deus que funda os estados. É a crença no homem como deus do homem que explica subjetivamente a origem dos estados.” (FEUBERBACH, 1993, p.17) Em meio a falsa liberdade, e o poder excessivo de alguns homens que estão no ‘poder’, o absurdo se manifesta diante da própria inquietação do homem diante do meio político, por isso Feurbach afirma:

Estado, chamo eu, o lugar onde todos, bons ou malvados são bebedores de veneno; Estado, o lugar onde todos, bons ou malvados, se perdem a si mesmos: Estado, o lugar onde o lento suicídio de todos chama-se – “vida”! (NIETZSCHE, 1976, p. 62)

Em algumas anotações de Camus, é possível observar que o erro do homem encontra-se na crença de acreditar que é necessário escolher algo, fazer algo, que há meios para a felicidade, o sujeito não vive simplesmente, ele está em constante espera, e seu enorme apego pela vida mostra que muitas vezes acreditar no que o ‘estado’ ou nas ilusões impostas sobre sua vida, é uma amputação de realmente viver, “[...]o que contradiz o absurdo nesta obra (*O mito de Sísifo*) não é seu caráter cristão é o anúncio de uma vida futura” (CAMUS, 2013, p.126) Mesmo tendo diante da sua vida o absurdo, a felicidade também estará e cabe ao sujeito fazer ou não uso dela. Comte-Sponville em seu livro *A felicidade desesperadamente* diz:

É sempre a ideia de Pascal: todo homem quer ser feliz, inclusive o que vai se enforcar. Se ele se enforca, é pra escapar da infelicidade; e escapar da infelicidade ainda é se aproximar, pelo menos tanto quanto possível, de uma certa felicidade, nem que ela seja negativa ou o próprio nada...Não se escapa do princípio de prazer; querer escapar-lhe (pela morte, pelo ascetismo...) é ficar submetido a ele. (SPONVILLE, 2005, p. 24)

⁵ “Por el contrario, nuestra Europa, lanzada a la conquista de la totalidad, es hija de la desmesura. Niega la belleza, del mismo modo que niega todo lo que no exalta. Y, aunque de diferentes maneras, no exalta más que una sola cosa: el futuro imperio de la razón.”
(traduzido por: Fabio Henrique R. Souza)

No entanto a morte voluntaria é a expressão do absurdo, o suicídio mostra-se como uma saída, mas é um erro negar a vida, e por isso Camus mostra meios para sair do absurdo ‘[...] duas expressões que são a criação artística e a ação revolucionaria.’ (SILVA, 2013, p.97). Camus não é considerado um autor pessimista, e sim esperançoso com base em ações verídicas da própria experiência, pois era na arte que Camus achava-se em meio ao mundo depois do absurdo. Pascal já afirmava que todos os homens buscam ser felizes, e esta busca é a causa de todas as ações, inclusive os que vão se matar, durante toda sua vida o homem busca um sentido para a vida, talvez um esforço inútil, ‘viver é fazer com que o absurdo viva’ (CAMUS, 2013, p.66). Aristóteles teria razão quando fala:

[...] Porque talvez haja um pouco de felicidade no próprio fato de viver assim, sempre que a vida não seja sobrecarregada de males demasiado difíceis de suportar. O que há de certo é que a maioria dos homens suporta muitos males devido ao seu agarramento à vida, como se ela encerrasse em si própria uma doçura e um encanto natural. (ARISTÓTELES, 2003, p.109)

Visto que diante do homem, que se depara com o absurdo, está o suicídio; Para que ele não venha tirar a própria vida, é necessário que a revolta apareça, é no absurdo que está contido a semente da revolta, e esta revolta é algo coletivo. Depois que o absurdo aparece leva embora toda tranquilidade de um vida, e por conseguinte a revolta vem à tona permitindo que ele não pereça diante do abalo que o absurdo causou. “O absurdo comanda a morte [...] os homens morrem pelas próprias mãos seguem até o fim a inclinação do seu sentimento.” (CAMUS,2013, p. 22-23) Desse modo a revolta que estava inserida no homem como que a priori, vem à tona para aliviar o absurdo.

O absurdo se mostra assim por paradoxos que incluem toda existência humana. O homem deseja saber e percebe que a razão é limitada, deseja amar e se depara com o amor impossível, deseja viver e se depara com a morte[...] é preciso amar a verdade, mas ainda mais a vida. (SILVA in CAMUS, 2014, p.100)

Porém, o aliado da revolta é a arte, Camus é defensor do uso da arte como escapatória para uma vida depois do absurdo, nas horas vagas ele participava dos teatros, para ele o teatro era a solução perfeita, nele o sujeito pode ser tudo que quiser sem leis ou regimes. Está aí a busca pela felicidade, seguida por Camus. A esperança de

uma outra vida, nesse momento torna-se inútil, depois do absurdo o que o sujeito deseja é clareza.

Todo esses questionamentos de vida, absurdo, morte e revolta são apresentados no *O Mito de Sísifo*, porém o questionamento “Se a vida vale a pena ou não ser vivida” toma lugar. É com base nesta pergunta que o absurdo é apresentado, porém não é apenas nesta obra que Camus traz o absurdo, nas demais também, de uma forma ou de outra ele nos faz pensar sobre a vida e seus questionamentos. Em toda sua obra Camus nos mostra que o homem não nega a vida, nem mesmo no ápice de abdicar dela, o desapego torna-se impossível, seja por medo da morte, ou pela paixão que se tem pela vida. Isto pelo fato de que o homem não sabe o que o espera depois da morte, pode ser que sua vida de fato acabe e ele não tenha vivido. Nietzsche teria razão quando apresentava que o homem deveria viver plenamente, sem medos, e sem a esperança de uma vida melhor. Esta talvez seja a fonte da revolta.

O tempo é também causador da revolta pois é um inimigo para vida do sujeito que nunca deseja pelo seu apego, chegar a morte, todavia o tempo o leva. A morte é a única certeza e o homem sabe que o tempo o leva a morte e o fim da sua vida, por isso Camus diz: “O homem absurdo é aquele que não se separa do tempo” (CAMUS, 2013, p.86) estão ligados, Nietzsche diz: “Que o vosso amor a vida seja à vossa mas excelsa esperança, e que a vossa mais excelsa esperança seja o mais excelso pensamento de vida!” (NIETZSCHE, 1976, p.64) Não podemos esquecer que para Camus existe a esperança em meio ao absurdo, o homem deve encontrá-la para achar sentido diante da sua existência.

A eterna busca do homem por um sentido para a vida, eis ai um esforço inútil. Há outros esforços inúteis no âmbito político ideológico, como utopias que pretenderam transformar o mundo, e uma vez passado o entusiasmo pelos ideais elevados, o que se viu foi uma distopia generalizada. (BOSCALTO, 2013, p.18)

A revolta não é apresentada como a solução exata do absurdo, e sim como um meio de ultrapassá-lo. No ensaio *O Homem Revoltado* o conceito de revolta parte do assassinato, em meio ao suicídio e absurdo. Camus trabalha com base em um mundo que encontra o seu sentido na revolta, a revolta do sujeito diante da angustia humana. Esse ensaio traz uma breve crítica sobre o mito do sol, causado pelo pensamento antigo dos gregos, e ainda o niilismo. Temas como política, sociedade, literatura são abordados

também, considerando a recusa do cristianismo, o comunismo e ainda o existencialismo. Para Camus o próprio homem é que provoca suas tristezas, piorando assim o absurdo. “É por isso que a morte mais absurda é aquela que alguns homens impõem a outros” (SILVA in CAMUS, 2014, p.101)

Camus traz nessa obra uma crítica mais profunda à sociedade, e apresenta a importância da revolta, perante uma situação absurda, seja pelo estado ou pelo encontro inesperado com a angústia “[...] a revolta é uma das dimensões essenciais do homem” exceto se contribuir para destruição da sociedade, por isso diz: “toda revolta que se permite negar ou destruir a solidariedade perde, ao mesmo tempo, o nome de revolta coincide, na realidade, com consentimento assassino.” (CAMUS, 2013, p.34) A maior revolta encontra-se no que o homem se apega, quanto mais moderno o mundo, mais fútil é a finalidade de vida humana. Por isso que Camus critica a divinização da razão, mostrando que o mito criado sobre a revolta degenerou em ideologia revolucionária. A revolta surge como um apelo de clareza, o absurdo propõe ao homem a realidade que é desejada pela revolta “o movimento de revolta surge nele como uma reivindicação de clareza e unidade.” (CAMUS, 2013, p.39)

Nesse ensaio a negação pelo cristianismo é mais evidente, a revolta aparece diante das vendas impostas sobre os olhos dos homens, que seguem um regime em uma espera vã, de que algum dia possa encontrar sentido diante de sua existência. “O homem revoltado é o homem situado antes ou depois do sagrado e dedicado a reivindicar uma ordem em que todas as respostas sejam humanas, isto é, formuladas racionalmente.” (CAMUS, 2013, p. 33) Se em *O Mito de Sísifo* o problema estava no suicídio como problema individual, em *O Homem Revoltado* este problema está na sua coletividade, Camus já afirmava, ‘a revolta é coletiva’ porém aqui o sujeito está diante do valor da vida do outro, por isso *O Homem Revoltado* trabalha com base no assassinato. A revolta nasce perante a desrazão, mas afirma a ordem em meio ao caos deixado pelo absurdo.

É na revolta metafísica que acontece o rompimento do homem com a criação. O porquê da sua existência é um fato doloroso e sem resposta, por isso firma-se que a revolta é essencial na vida do homem. Se a revolta porém, for contra a solidariedade, o homem perde seu real sentido e torna-se assassino. Vejamos o exemplo de Caim e Abel, onde a revolta aparece como assassinato provocando assim uma tragédia, que o próprio homem provoca. É diante desse rompimento que Nietzsche é tão comentado por Camus,

pois ele não destrói a imagem de Deus, e sim o próprio homem, voltando a Karamazov, “Não é Deus que Rejeito” diz ele “mas a criação” (CAMUS, 2013, p.79).

O homem deve ocupar seu lugar ‘como Deus e a mortalidade não existissem, é permitido ao homem novo se tornar Deus. Mas o que é ser Deus? É reconhecer justamente que tudo é permitido, recusar qualquer lei que não seja a sua. (CAMUS, 2013, p. 78) Sendo assim [...] a partir do momento em que o homem não acredita mais em Deus, nem na vida imortal, ele se torna ‘responsável por tudo aquilo que vive, por tudo aquilo que fadado na dor, está fadado a sofrer na vida (CAMUS, 2013, p. 91).

Como foi citado mais acima na página 15 “Porque diante de Deus, mais que um problema da liberdade [...] ou somos livres e o responsável pelo mal é Deus-todo-poderoso, ou somos livres e responsáveis, mas Deus não é todo-poderoso.” (CAMUS, 2013, p. 68) A revolta metafísica se dá justamente por essa separação, o homem e o mundo, e não mais o homem, o mundo e o divino. A partir dessa visão o próprio sujeito passa a ser dono das suas ações. A vida então ganha um sentido, o homem é dono de suas ações, e cabe a ele escolher o que fazer diante de tanto absurdo e revolta.

Segundo Dostoievski, em sua ‘narrativa fantástica’ *O sonho de um homem ridículo*, o sujeito em meio a sua vida encontra-se perdido e deseja se matar, sua solidão o esgota, porém na metade do caminho para o encontro com sua morte, o homem é surpreendido por uma garotinha que lhe pede ajuda, neste momento meio atordoado ele nega. Porém ao chegar em casa com o enorme desejo de tirar a vida, o homem percebe que a garotinha o salvou. O desespero do homem está no momento em que nasce a vontade do suicídio, mas a vontade não acarreta coragem de realizar o ato, por isso, seja por medo ou por apego a vida que o homem não se mata, talvez tenha sido na garotinha que ele tenha achado sentido na sua vida, e não tenha se matado. Ele termina sua narrativa da seguinte forma: “A consciência da vida é superior à vida, o conhecimento das leis da felicidade - é superior à felicidade” – é contra isso que preciso lutar! É o que vou fazer. Basta que todos queiram, e tudo se acerta agora mesmo.” (DOSTOIEVSK, 1976, p.123) Ele fala de acordo com o modo em que enxerga a vida, embora que o amor seja pregado, nem todos praticam, mas de todo modo é necessário apreender a viver.

Sade e os românticos, Karamazov ou Nietzsche só penetraram no mundo da morte porque desejaram a verdadeira vida. E com tanto empenho, que, por efeito inverso, foi o apelo desesperado à regra, à ordem e à moral que ressoou neste universo louco. As suas conclusões só foram nefastas ou libertíssimas a partir do momento em que eles se desembaraçaram do fardo da revolta, fugiram a tensão que ela pressupõe e escolheram o conforto da tirania ou da servidão. (CAMUS, 2013, p. 128)

Vejamos Sísifo que tinha todos motivos para negar a vida, no entanto por amá-la foi condenado pelos deuses a subir eternamente a pedra até o topo da montanha que voltava a cair. A repetição torna-se comum a Sísifo, e sua adaptação faz com que a tarefa seja realizada todos os dias. É um constante ir e vir, que reflete na própria vida do homem, que todos os dias realiza as mesmas tarefas. *O Mito de Sísifo* então, foi escolhido por Camus, justamente pela semelhança do cotidiano do homem que está de certa forma condenado a um constante ir e vir.

Sendo assim, é de extrema importância que o homem tome conhecimento da verdade, mesmo que depois tudo torne a atormentá-lo, e assim, como Sísifo, leve a pedra até o topo, salientando que Sísifo sabia o risco que estava correndo quando enganou os deuses, mas seu amor pela vida o fez renegar os mortos e apenas viver.

Sêneca, famoso filósofo Romano dos anos 41 (d.C.) que se suicidou a pedido do imperador do ano 68(d. C.) por ser acusado de conspiração. Sêneca dedicou alguns anos de sua vida, a escrever sobre o saber viver e *A brevidade da vida*, analisou como a vida é breve e como os homens não aproveitam o seu tempo. Mesmo sendo ele sujeitado a se matar, dedicou seus últimos dias a consolar sua família. Assim fez Sísifo, se possível para sentir o gostinho da vida ele iria novamente contra os deuses.

É preciso reconhecer a falsidade da imortalidade para que o homem tome consciência de sua finitude e se arme de coragem para enfrentar uma nova vida e para sentir a urgente necessidade de converter o verdadeiro em essencial, o verdadeiramente infinito o motivo e conteúdo de todas as atividades do seu espírito. (FEUBERBARCH,1993, p. 73.)

Já o mito do Prometeu aparece em sua obra pela ação revolucionária, contra os deuses, contra um destino, é a vontade do homem falando mais alto. Para Camus Prometeu é a figura que mais representa a revolta. Em seu mito Prometeu por vingança manda Pandora jogar todos os males sobre a terra. É uma das maiores revolta dos homens encontra-se na Política, por isso que:

O espírito Revolucionário está por inteiro em um protesto do homem contra a condição homem. Nesse sentido ele é, sob diversas formas, o único tema eterno da arte e da Religião. Uma revolução sempre se dá contra os deuses – a começar por aquela de Prometeu. É uma reivindicação do homem contra seu destino cujos tiranos e títeres burgueses são pretextos. (CAMUS, 2014, p. 34)

A compreensão sobre absurdo e revolta cria uma expectativa diante da vida, ou seja, um novo olhar diante do seu aproveitamento. Para o absurdo é necessário a revolta, a revolta coletiva, e que essa não seja apenas uma deificação da ‘razão’, para que os homens não levem a revolta como mito, como o ato apenas revolucionário. Camus “rejeita uma atitude niilista, e tenta definir uma moral laica.” (SILVA in CAMUS, 2014, p.103) Sua ética funda-se, mesmo diante da demonstração da angústia humana, no valor que o ser humano tem, no respeito, na dignidade. Por isso que o homem deve encontrar uma saída para o absurdo, e uma delas, também apresentada por Camus, é se afastar do absurdo, porém tendo consciência do mesmo, e não vivendo em meio a uma ilusão. Outro modo, é buscar na arte a saída para uma vida depois do absurdo.

A vida para Camus, tem sentido diante do que o homem faz para vive-la, o apego a arte, por exemplo, é uma boa maneira de viver bem, mesmo quando coloca em seu caderno “Eu não poderia jamais levar essa vida”; mas é o fato de levá-la que torna possível aceitá-la.” (CAMUS, 2014, p.31). Para Sêneca, como a vida é breve, o que a faz longa, é a arte de saber vive-la. Dessa maneira, mesmo tendo Camus, em muitos dos seus escritos questionado a vida, ele se delicia com o prazer que a própria vida o traz.

Conclusão

Como vimos ao longo do desenvolvimento deste artigo, a filosofia camusiana remete o sujeito a dois conceitos, o de absurdo e o da revolta, ambos que estão ligados ao sentido da vida diante de uma desarmonia com o mundo. O suicídio aparece diante de uma realidade procurada muitas vezes pelo homem que, por causa desta desarmonia, não vê outra saída senão a própria morte. A morte que para Camus encontra-se de duas maneiras; Voluntária e Involuntária. O encontro com o suicídio é inevitável, pois a morte é sua única certeza. Os homens além de morrer, sugerem aos outros a morte.

Com efeito, observamos que Camus acha na revolta uma possível solução diante do suicídio, pois a revolta implícita por ele não é algo avassalador, e sim um sentimento que deve ser coletivo, e ainda renovador. Que produza no sujeito, um sentimento de clareza. “Começar a pensar é começar a ser atormentado” (CAMUS, 2013, p.18) esse tormento é o primeiro sinal de clareza. O pensamento, por sua vez, é uma arma apontada para quem não tem o controle e a sabedoria de desviar-se do “suicídio”, que para Camus é como um melodrama, o homem está afirmando que não entende a vida. O homem é apegado à sua vida, e ele cultiva esse habito antes mesmo de cultivar o de pensar.

Perante o absurdo é possível observar a relação que existe diante do homem e a sua vida, uma relação frágil, pois é na angústia, que o grande questionamento da filosofia e do sujeito diante do absurdo se faz: se a vida vale a pena ser vivida ou não? Camus nos mostra Sísifo, seu apego pela vida se assemelha ao nosso, seu tormento também, é um constante ir e vir. Mas diante desse drama da repetição, existe a habitação e existe o ato de se renovar do sujeito, que em meio a desarmonia do mundo deve encontrar meios para suportar ou levar a vida. A revolta é uma esperança para que o homem continue a viver.

Embora observemos que o absurdo é inevitável, a saída proposta por Camus é a arte, é ela que dá sentido à vida, principalmente o teatro, onde a ilusão aparece não como mentira, mas como uma realidade vivida. É no teatro que o homem pode ser quem ele quiser, sem leis e sem regimes. A música e pintura também são meios de sair do absurdo, salientando que a revolta sempre deve estar contida no homem.

ABSTRACT

This study on the 'absurd and revolt on the issue of whether life is worth being experienced or not' intends to conduct a philosophical analysis of the concepts of Life, Absurd and Revolt and in the meantime their relationship according to Albert Camus; especially in the works entitled *The Myth of Sisyphus* and *The Rebel*, since both present concepts which are drawn from man's existence. According to the philosopher, in a moment of man's life he is faced with the question concerning whether life is worth being lived or not, leading him to face the absurd, which then generates despair and, in some cases, suicidal thoughts. In this scenario man realizes that throughout his life he was surrounded by illusions that end when he confronts the absurd, thus producing a deeper questioning about life, especially in the face of wars, disappointments and other events. It is exactly this process, its sources and consequences that will be addressed in this article, through Camusian philosophy, critically approaching the question of whether life is worth or not worth living.

Keywords: Albert Camus, Life, Absurd, Revolt and Suicide

Referências

ADAUTO, Nilson. **A Violência e a Intolerância em Albert Camus e Denes Diterot**. *Revista Criação e Crítica*, n 10, p.81-94, maio de 2013.

ADAUTO, Nilson. **A Peste de Albert Camus: Revolta Como Ação Coletiva e Solidária**. UFRJ, 2013. Disponível em: <http://documents.tips/documents/nilson-adauto-guimaraes-silva.html>

AURÉLIO, Marco. **A angústia, o nada e a morte em Heidegger**. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, 26(1):97-113, 2003.

BARNES, Jonathan. **Filósofos Pré-Socráticos**. 1º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BURNET, John. **A Aurora da filosofia grega**. Rio de Janeiro: Contraponto PUC Rio, 2006.

CAMUS, Albert. **El Exilio de Helena**. In *El verano*. Madrid: Alianza Cien, 1996.

_____. **Calígula**. Paris 1945. Disponível em: <http://ww38.proyectoespataco.com>

_____. **O Mito de Sísifo**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **O Homem Revoltado**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2013.

_____. **Esperança do Mundo**. 2º edição. São Paulo: Hedra, 2014.

Tradução: Raphael Araújo e Samara Geske.

_____. **A Desmedida na Medida**. 2º edição. São Paulo: Hedra, 2014.
Tradução: Raphael Araújo e Samara Geske.

DÍAZ MARTÍN, Carlota, **Filosofía y tragedia en el pensamiento contemporáneo: Jean-Paul Sartre y Albert Camus**. TFG, Universidad de Salamanca, 2014

DOSTOIÉVSKI, F. **Os irmãos Karamázov**. Trad. Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2009.

ÉPINEY-BURGARD, G. e BRUNN, Émile Zum. **Mujeres trovadoras de Dios – Uma tradición silenciada de la Europa medieval**. Trad. de A. López e M. Tabuyo. Barcelona: Paidós, 2007.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. Ed. Unes, São Paulo, 2002.

FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ 2006.

FEUERBACH. **Pensamientos sobre muerte e inmortalidad**. Madrid, Alianza Editorial, 1993, p. 73.

GERMANO, Emanuel. **Combate ao Nilismo e Totalitarismo em Camus: Um contraponto teatral e filosófico às concepções Lúdicas e estéticas da existência**. Revista Criação e Crítica, n 10, p.23-27, maio de 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/criacaoecritica>.

KESTERING, Júlio. **Sobre o diálogo: Introdução a uma leitura Filosófica de E. Levinas e H.U.v. Balthasar**. Ed. Educpb, Campina Grande, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Edição integral. Círculo do Livro, 1976. Tradução: Mário da Silva

PINTO, Manuel Costa, **Albert Camus um elogio do ensaio**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

RAMOS, Flamarion. **Absurdo e revolta em Albert Camus**. Revista Integração. ABR./MAI./JUN.2007.ano XIII, nº49.177-183. São Paulo.

RUSSELL, Bertrand. **A última oportunidade do homem**. Guimarães, ed. Lisboa Coleção Filosofia e Ensaio. 1998

SARTRE. Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: João Batista, ed. Vozes, Petrópolis, 2010.

SÊNECA. **A Brevidade da vida**. Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-81. Tradução Luiz Feracine. ESCALA editora.

SPINOZA. **Ética**. Tradução Tomaz Tadeu. Ed. Autêntica 2º edição São Paulo.

SILVA, Nilson. **Albert Camus e a cultura grega clássica**. 2011, Rio de Janeiro. Disponível em:
http://www.lettas.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a5n5/litfrc/nilson_silva.pdf.